

O HOMEM LOBO



Passa gritando, escravo do tormento,
Dentro de fria noite, atra e sem fim,
O triste descendente de Caim,
Chocalhando mandíbulas ao vento.

Entroniza o moloque famulento
Da guerra em torvo e lúbrico festim,
Embora a podridão que lhe abre o rim
E o cancro que lhe gasta o pensamento.

Homem – flâmeo e sinistro vagalume –,
Que te vestes de pó, fósforo e estrume,
Equilibrado em forças desiguais,

Sem Jesus Cristo que te não repele
– Prometeu algemado à carne imbele –
O teu castigo não se acaba mais.¹

Augusto dos Anjos

Reformador | Outubro de 1948

¹ Consta do original a informação de que esse soneto foi psicografado em 29 de junho de 1948, em reunião pública do Centro Espírita Amor ao Próximo, em Leopoldina, Minas Gerais.

DO DISCÍPULO AO MESTRE



I

Torna Caim ao lodo subterrâneo.
Ante a espada homicida se prosterna,
Apagando a flamívoma lanterna
Do raciocínio que lhe flui do crânio.

Nele o impulso do bem morre frustrâneo
Sob a força que, ríspida, o governa
Desde o negro machado da caverna
À tragédia dos átomos de urânio.

Rei protervo da carne, a sombra estende-o
Num caminho de sangue e vilipêndio,
– Triste lobo a exhibir trismos medonhos!

Anjo e besta, no ergástulo da treva,
Chora e ruge no orgulho que o subleva
E cai vencido sob os próprios sonhos.

II

Senhor, este é o herói do desconforto,
De fronte enorme e pensamentos parcos
Que ainda escarnece dos divinos marcos,
Que acendeste no mundo amargo e morto...